

Economista apóia as soluções heterodoxas e ataca monetarismo

**RIO
AGÊNCIA ESTADO**

Os países latino-americanos devem combater a ortodoxia monetarista, procurar novas fórmulas de renegociação da dívida externa para deixarem de ser exportadores líquidos de capital e procurar repartir com os bancos credores os custos dos ajustes do balanço de pagamentos, mostrando aos banqueiros que não é possível a convivência com taxas de juros em termos reais de 5% ao ano.

Essa é a receita do professor Rene Villarreal, doutor em Economia por Yale e ex-subsecretário de Planejamento do México, que ontem lançou o livro "A contra-revolução monetarista", pela editora Record. O economista mexicano mostra que a crise econômica é global, não apenas dos países latinos, e difere da ocorrida na década de 30, quando a saída foi o keynesianismo. A crise de 1973 trouxe como salvação o retorno à ortodoxia, sob a roupagem do monetarismo e do neoliberalismo.

Segundo Rene Villarreal, exemplos dessa nova fase do monetarismo são a Reaganomania, nos Estados Unidos, e o thatcherismo, na Inglaterra. Na América Latina, a tentativa de monetarismo neoliberal nos países do Cone Sul praticamente destruiu o parque industrial da Argentina e está fazendo o mesmo com o do Chile. Para ele, essa contra-revolução monetarista é pregada pelos economistas de Chicago, ex-alunos de Friedman e Lucas.

Nesse sentido, o economista mexicano elogiou o Plano Cruzado e o Plano Austral, como soluções heterodoxas que rompem com os postulados do Fundo Monetário Internacional, contrário ao congelamento de preços e câmbio. Para Rene Villarreal, a base da crise está na crescente perda de competitividade da indús-

tria norte-americana, nas altas taxas de juros do sistema internacional e nos substanciais déficits fiscal e comercial dos Estados Unidos.

Para sustentar esses déficits, as taxas de juros encontram-se em níveis insustentáveis de 4% a 5% em termos reais, em confronto com as históricas taxas de 1 a 2% ao ano, acima da inflação internacional. Essa alta taxa de juros desvia recursos da ordem de US\$ 500 bilhões dos principais países industriais que poderiam ir para o setor produtivo mas são canalizados para o setor especulativo, segundo a estimativa do economista.

Os Estados Unidos já se estão tornando o maior devedor mundial além de manterem um déficit fiscal de US\$ 200 bilhões e um déficit comercial de US\$ 100 bilhões, revela. Isso significa uma bomba de retardamento para os países da Europa e Japão, bem como América Latina, que se tornaram exportadores líquidos de capital para aquele país; além disso, para proteger seu mercado diante da perda de produtividade de sua economia, os norte-americanos adotam crescentes esquemas de neo-protecționismo.

Villarreal alerta que o próprio Eximbank já estava financiando empresas norte-americanas para produzir artigos similares aos produtos brasileiros de exportação.

A seu ver, um novo esquema institucional deverá ser buscado para o sistema monetário internacional que favoreça o ajuste dos balanços de pagamentos, solucione a questão da liquidez internacional e restabeleça a confiança mútua nos países e no comércio mundial. Diante dessa perspectiva, a solução para os latinos é fugir da ortodoxia monetarista e procurar fazer o ajuste com crescimento econômico e social, como é o caso do Brasil.